



FUNCIONALISMO

“Carreirão” ameaça parar máquina pública

Grupo, que engloba 80% do funcionalismo federal, está sem reajuste salarial desde 2017 e avalia entrar em greve

» RAPHAEL FELICE

Servidores do chamado “carreirão” — que formam a base do funcionalismo federal — avaliam se unir à elite das carreiras públicas e deflagrar uma grande paralisação neste início de 2022. Uma reunião emergencial foi realizada com o objetivo de debater as ações a serem adotadas para pressionar por reajuste salarial. Caso as categorias resolvam cruzar os braços, a máquina pública entrará em blecaute.

O carreirão engloba cerca de 80% dos funcionários federais. Além de receberem os menores salários entre os servidores da União, eles estão sem reajuste desde 2017. De lá para cá, o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) subiu 27,2%. Com a inflação sem precedentes desde antes do Plano Real, o poder de compra das categorias vem sendo engolido.

A mobilização do funcionalismo é uma contrapartida à decisão do governo de reservar R\$ 1,7 bilhão do Orçamento de 2022 para reajuste salarial de servidores da Polícia Federal, da Polícia Rodoviária Federal e do Departamento Penitenciário Nacional.

Sérgio Ronaldo da Silva — secretário-geral da Confederação dos Trabalhadores no Serviço Público Federal (Condsef), que representa o carreirão — afirmou que, na primeira semana de janeiro, haverá uma assembleia. A intenção é iniciar uma mobilização no dia 14.

“Ação que estamos tentando desenvolver é transformar isso em uma mobilização geral, como fizemos com a PEC 32”, disse Silva, em relação à proposta de emenda à Constituição da reforma administrativa, que está parada no Congresso. “Com relação à LOA (Lei Orçamentária Anual), vamos tentar fazer um movimento no mês de janeiro.

Tentaremos envolver todo o conjunto de funcionalismo. Não é possível que 97% do funcionalismo seja jogado ao relento e acharem isso normal. A possibilidade de a gente extrair alguma coisa para 2022 é um processo de mobilização”, ressaltou.

Ele acusou o ministro da Economia, Paulo Guedes, de culpar os servidores por fracassos da sua gestão. “Desde janeiro de 2019, a gente tenta negociar com o governo, mas só recebe silêncio e hostilidade. Paulo Guedes usa adjetivos pejorativos contra nós. O servidor não é inimigo do Estado ou do povo, mas, sim, a solução para o país”, frisou.

Elite

Na quarta-feira, a elite do funcionalismo já tinha marcado posição. O Fórum Nacional Permanente de Carreiras Típicas de Estado (Fonacate) anunciou um calendário de paralisações em janeiro e uma eventual greve geral em fevereiro. “Se o governo não oferecer resposta até dia 14 de janeiro, nós teremos, na semana subsequente, dois dias de paralisação. Isso pode caminhar para uma greve, que será discutida a partir da primeira semana de fevereiro. O calendário está todo definido”, ressaltou o presidente da entidade, Rudinei Marques.

De acordo com ele, há conversas com outras carreiras e, possivelmente, ocorrerá convergência ao calendário de mobilização. “Cinco das entidades que compõem o fórum também integram o Fonasef (Fórum Nacional das Entidades dos Servidores Públicos Federais), e é permanente o diálogo”, destacou. “É possível que haja convergência de força nesse calendário de mobilização, mas, a princípio, cada categoria está fazendo sua parte separada, para depois tentarmos unir em um grande movimento.”

Luis Nova/Esp. CB/D.A Press



Sérgio Ronaldo da Silva, presidente da Condsef: “Estamos tentando transformar isso em mobilização geral, como fizemos com a PEC 32”

Protesto causa blecaute no Carf



Não é possível que 97% do funcionalismo seja jogado ao relento, e acharem isso normal”

Sérgio Ronaldo da Silva, secretário-geral da Condsef

Um grupo de 63 integrantes do Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Carf), órgão vinculado ao Ministério da Economia, pediu à presidente do órgão, Adriana Gomes Rego, a suspensão das sessões de julgamento no mês de janeiro. A solicitação foi uma reação ao corte orçamentário na Receita Federal.

A ausência dos conselheiros causa ao Carf um blecaute nas decisões do órgão. De acordo com o grupo, as recentes decisões do Congresso e do Executivo

federal reduziram drasticamente o orçamento destinado à manutenção das atividades da Receita Federal e impossibilitam a regulamentação do bônus de eficiência dos auditores fiscais.

“Nós, auditores-fiscais, aprovamos a meta zero para todos os setores e atividades da Receita Federal e do Carf, ressalvadas as decadências e as demandas judiciais, até que o governo faça a publicação do decreto de regulamentação do bônus de eficiência”, ressalta o documento.

A decisão foi tomada após uma assembleia realizada no último dia 23.

Também em protesto por falta de reajuste e por cortes no orçamento, o Sindicato Nacional dos Auditores-Fiscais da Receita Federal do Brasil (Sindifisco) anunciou que 951 auditores fiscais da Receita Federal já entregaram seus cargos de chefia.

Segundo o Sindifisco Nacional, a adesão à paralisação da categoria ultrapassa 90% do quadro efetivo. (RF)

NAS ENTRELINHAS



Por Luiz Carlos Azedo
luizazedo.df@dabr.com.br

No ano que vem a gente não morre mais

A música *Sujeito de sorte*, de Belchior, foi um dos hits de 2021, na voz de Emicida, Maju e Pablo Vittar, desde que a velha canção do álbum *Alucinação* foi sampleada pelo rapper paulista no álbum *AmarElo*, ganhador do Grammy Latino. A gravação ao vivo, no Teatro Municipal de São Paulo, lotado de moradores da periferia de São Paulo, deu origem a um excelente documentário, uma boa pedida para quem ainda não viu e não quer “olhar pra cima” (ou já olhou) nessa virada de ano. *Emicida se destaca não apenas por sua atuação artística, mas também por suas ideias generosas, que trazem para o centro do debate a realidade das periferias urbanas, e puxam os fios de história que ligam o hip hop brasileiro ao nosso samba tradicional.*

O sucesso da regravação de *Sujeito de sorte* tem a ver com os tempos de cólera política e de pandemia que estamos vivendo: “Presentemente, eu posso me considerar um sujeito de sorte! Porque, apesar de muito moço, me sinto são e salvo e forte! E tenho comigo pensado! Deus é brasileiro e anda do meu lado! E assim já não posso sofrer no ano passado! Tenho sangrado demais, tenho chorado pra

cachorro! Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro! Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro! Ano passado eu morri mas esse ano eu não morro!”

Esses versos da canção de Belchior são atribuídos ao mitológico cantador Zé Limeira (1886-1954), um repentista analfabeto, nascido em Teixeira, na Paraíba, imbatível nos seus improvisos surrealistas, segundo o jornalista Orlando Tejo, seu conterrâneo, autor do livro *Zé Limeira – O Poeta do Absurdo*, publicado em 1973. *O repentista dominava a rima e a métrica, mas não dava a mínima para a oração, o que era considerado um insulto pelos cantadores de sua época. Entretanto, fez muito sucesso de público, perambulando pelos sertões nordestinos, em jornadas de até 60 quilômetros a pé, num dia, para participar de desafios com outros cantadores famosos, como o cego Aderaldo.*

Após o sucesso de Belchior, Tejo pleiteou a autoria dos versos, o que gera grande controvérsia. Não havia documentação sobre a obra de Zé Limeira, cuja vida foi romaneada por Tejo, um defensor da métrica, com suposto propósito de provocar os poetas concretistas. Não importa. A

NÃO É FÁCIL, NUMA ÉPOCA DE CONFRATERNIZAÇÕES, COMO FOI O NATAL E SERÁ O ANO-NOVO, PUXAR O FREIO DE MÃO NAS COMEMORAÇÕES COLETIVAS. MAS É PRECISO CUIDADO

distopia sertaneja de Zé Limeira influenciou outros artistas, como Belchior e Zé Ramalho, e tem tudo a ver com o momento que o país está vivendo, inclusive nessa passagem de ano, na qual uma epidemia de Influenza (H3N2) tomou de assalto as nossas cidades, lotando as emergências do SUS, e a nova variante do novo coronavírus, a ômicron, está chegando com tudo, sem que o país esteja devidamente preparado para ela.

Pensamento positivo

Três doses no braço da maioria dos velhinhos e outros grupos de risco, e uma variante aparentemente menos letal, embora altamente transmissível, não justificam as medidas adotadas por

Marcelo Queiroga, o falso ministro da Saúde, e Milton Ribeiro, o da (des)Educação, contra a vacinação de crianças e a obrigatoriedade de apresentação do certificado de vacinação nas escolas, respectivamente. São dois negacionistas alinhados com o presidente Jair Bolsonaro, que, novamente, erra no diagnóstico da pandemia (talvez pense: agora sim, a ômicron é uma “gripezinha”) e aposta outra vez na “imunização de rebanho” para não atrapalhar a economia.

Essa política nos levou a 619 mil mortos até agora. A nova onda da pandemia precisa ser tratada sem alarmismo, mas com responsabilidade, ou seja, com medidas adequadas — vacinação em massa, uso generalizado de máscaras, asseio permanente das mãos e distanciamento

social. Não é fácil, numa época de confraternizações, como foi Natal e será o ano-novo, puxar o freio de mão nas comemorações coletivas. Mas a realidade já está mostrando que é preciso cuidado redobrado, ainda mais quando o próprio governo federal sabota a saúde pública e expõe a população aos seus desastros.

Entretanto, eis a outra face do Brasil, aquela que vai à luta por dias melhores, que adota os devidos cuidados e resiste nos pequenos negócios, nas atividades agrícolas, industriais e de serviços, na cultura e nas atividades essenciais, entre as quais as da saúde, da limpeza urbana, da segurança pública e tantas outras, sem as quais seria impossível os encontros familiares na passagem de ano. Esqueçam o presidente Jair Bolsonaro e seus passeios de jet ski; oremos por milhares de pessoas que chapinham na lama para tentar salvar o que lhes resta de bens, após as enchentes na Bahia, ou buscam socorro médico nas emergências do SUS em todo o país. Como o sertanejo Zé Limeira, vamos pensar positivamente em 2021: ano que vem a gente não morre mais.

Feliz ano novo!